

estrada plana e fácil, cheia de flores escondidas, mas que a atingiam com o seu perfume. Somente nos momentos de racionalidade, no fundo, ela via o abismo.

Mas com o passar dos dias, ela sentiu-se perturbada por não conseguir mais dedicar-se às suas ideias. Estaria ela deixando-se vencer e transtornar a tal ponto por esse amor que, desde o início, havia considerado impossível? E admitiu, aterrorizada, que as suas convicções estavam enfraquecendo em sua mente. Agora, só pensava nele, somente a lembrança daquele homem dava-lhe força para escrever. Mas não eram mais as palavras rebeldes que a sua pena escrevia sobre o papel, nas horas silenciosas da noite. A força e a ousadia que a haviam sustentado nos primeiros dias desse amor pareciam desaparecer agora em uma incerteza dolorosa. Quando, obrigando-se à reflexão, pensava nas questões sociais, de repente, ela voltava no pensamento àquilo que ele lhe havia dito na noite anterior. Quando escrevia para um jornal, levava uma hora para encher meia páginas de frases mal construídas, com os braços largados e a mente perdida em devaneios que nem mesmo ela compreendia. E quando tomava consciência do que estava acontecendo, ela não tinha coragem de convencer-se de que o bonito jovem moreno, com a vivacidade da sua alegre juventude, dominava a sua mente, descartando pouco a pouco as ideias severas e rebeldes que antes o moviam.

Quando ela tomou plena consciência deste deste, ficou arrasada. Foi numa noite em que um velho amigo, ex-jornalista, procurou-a para falar sobre o seu trabalho. Ela teria que passar um dia fora de casa, para combinar a fundação de um jornal com outros companheiros. Como ela era muito boa em cálculos, poderia ser de grande ajuda para aqueles bons operários que sozinhos nunca conseguiriam. Os operários o haviam convidado, mas ele tinha outro compromisso: ir a uma cidade vizinha, participar de um comício, que, segundo ele previa, acabaria em manifestação, que iria provocar a intervenção do exército. Portanto ele não poderia faltar.

Então, tinha pensado nela, confiante de que ela não se negaria. Era no próximo domingo. Estava livre e a viagem era curta. Iria?

Ela recusou. Era a primeira vez que, sem nenhuma razão, ela se negava a prestar serviço em prol da propaganda de suas ideias. Com voz fraca, em razão da luta que travava em seu íntimo, alegou um compromisso urgente e o companheiro acreditou. E como não acreditar conhecendo o seu amor pelo ideal comum.

Mas depois que Francisco, o companheiro jornalista, fora embora, após um forte aperto de mão, cheio de afeto por aquela moça que sabia ser boa e corajosa, ela se sentiu pequena, vil, mesquinha. Tinha se recusado de ajudar para persistir no seu tolo sonho de amor.

O amanhã¹

Neera

Tradução: Jorgeta Da Rold²

Achei que alguns poderiam torcer o nariz ao ler o título deste livro, L'indomani [O amanhã], vocábulo que não todos aceitam; e alguns críticos, como acontece algumas vezes, poderiam concentrar toda a sua acuidade ao frontispício, defraudando a obra de um exame inteligente, que é o melhor prêmio que todo escritor possa almejar. Mudar "l'indomani" com "il domani" não seria difícil. Mas daquele vocábulo, que me veio espontaneamente à cabeça junto com o conceito da obra, eu gostava com uma sorta de simpatia supersticiosa, além dele me parecer mais natural, mais vivo, mais eficaz, mais preciso. Mesmo assim, decidi pedir conselho, aliás, pedi muitos deles, conseguindo apenas aumentar as dúvidas, já que os partidários de il domani e l'indomani multiplicaram-se sem se fundir. A bem da verdade, Manzoni estava da minha parte, pois nos Promessi sposi, ele usa "l'indomani", e com um tal aliado podia entrar na guerra. Mesmo assim, quis ouvir a opinião de um jovem douto, poeta valente e famoso, que, desde Roma, divulga versos excelentes, no conteúdo e na forma. Eis a sua resposta:

"L'indomani teve muitos acusadores, entre os quais, Fanfani, e muitos defensores, entre os quais Nannucci e Gherardini. Alguns escritores famosos usaram esta palavra. A minha opinião é que, enquanto il expressa melhor um dia determinado, l'indomani exprime melhor um tempo continuado. Non si tratta mais de um preciso advérbio, mas de um verdadeiro substantivo. A

1 NEERA. *L'indomani*, Milano: Galli, 1889. O trecho traduzido foi extraído de NEERA. *L'indomani*. www.liberliber.it. p. 4-7 e, em parte (sem a apresentação da autora) de MORANDINI, G. op.cit. p. 158-164.

2 Graduanda no curso de Bacharelado em Letras - Tradução Português-Italiano, pela Universidade Federal do RS.

preposição in dá-lhe este sentido. Sendo sua etimologia puramente clássica, nem consigo entender por que razão deveríamos bandir este vocábulo, obrigando a palavra domani a significar um conceito que tem a sua expressão própria na palavra l'indomani."

*
* *

No entreabrir das pálpebras, os olhos de Marta, como de costume, procuraram o quarto familiar, mas, antes mesmo que as paredes, os móveis e a ampla cama a advertissem da mudança, seu coração deu um salto. Estava casada.

Olhou logo para seu marido. Alberto dormia, o semblante tranqüilo, as bochechas rosadas, tão infantilmente plácido e sereno que sua barba parecia de mentira. Marta olhou-o longa e intensamente, vendo, naquele sono obstinado, esquivar-se uma das suas mais antigas fantasias de amor, mas, mesmo assim, contente por velar e quase proteger aquele sono, tomada de uma ternura maternal na qual fundia-se a melancolia de um pensamento oculto.

Ela não podia reprovar o marido por não se ter acordado antes dela, claro; talvez até fosse melhor assim; sim, sim; era melhor. Pensamentos de outra ordem a impeliram de modo veemente, fazendo-a deslizar para fora da cama num ímpeto que mais parecia uma fuga.

E, enquanto se vestia, lentamente, na penumbra do quarto, tomava plena consciência da sua condição de mulher casada; olhando a aliança de ouro que cintilava na mão esquerda, com medo de perdê-la ao enfiar as mangas e refletindo se deveria ou não tirá-la ou não, antes de se lavar. Isso porque ela queria continuar, por toda a vida, fazendo exatamente aquilo que havia feito no primeiro dia. Ela amava a ordem e a sistematização. Queria ser uma boa esposa como sua mãe e como tantos modelos de esposas que ela tinha conhecido nos romances ingleses.

O sonho de sua ardente juventude realizara-se perfeitamente: um homem jovem, simpático, honesto a pedir em casamento, dera-lhe seu nome, a levava consigo. Ou seja, a amava. Era o amor ideal, verdadeiro, indestrutível — *forte como a morte*. A grandiosidade do paralelo bíblico a comoveu; sentiu uma onda de profundo reconhecimento por Alberto, que lhe dava tudo aquilo, e inclinando-se bem de leve, depositou um beijo suave na mão que o marido tinha estendido para fora das cobertas.

Porém, achava estranho ela estar num quarto com um homem que dois meses antes nem ao menos conhecia; que até a semana passada ainda a tratava com cerimônia; que ela sempre vira no clube com a mãe ou familiares; do qual não conhecia o passado, e do qual ignorava os gostos, os hábitos, os afetos, as repugnâncias. Ela, que fora criada na concepção intangível do pudor feminino,

que não mostraria os ombros nem sequer a um irmão, a um tio, acabava de dormir com esse homem!

Era correto, dentro da lei, aprovado pelo código moral e pela religião; aprovado por ela mesma, uma vez que dissera sim, uma vez que gostava de Alberto, uma vez que esperava dele o amor.

Esperava! Mas, por enquanto, sentia-se aturdida, como alguém que anda às cegas com os olhos vendados, chocando-se contra objetos novos e indefinidos, ouvindo a voz dos colegas que gritam — Vamos! Não tenha medo!

Quando lhe apresentaram Alberto, Marta, que então tinha 23 anos e que era inteligente e séria, compreendeu imediatamente, pela ansiedade da mãe e pelo olhar perscrutador dele, que estava concretizando-se o grande momento de sua vida.

O que ela não sabia é que seu destino estava sendo colocado em leilão, havia meses, entre cinco ou seis candidatos escolhidos e avaliados pelas amigas de sua mãe. Por isso, ela quase se tornara, sucessivamente, a senhora De Martini, viúvo, capitão, nobre, homem regrado, com uma situação econômica razoável. Ou então a senhora Valdranchi, tornando-se esposa de Valdranchi, o escultor "da moda", que não tinha um tostão, mas ganhava bem, jovem simpático, para quem choviam aventuras galantes. Fora considerado também Anselmo Bianchi, negociante de grãos, homem simples porém agradável e rico. Três personalidades completamente opostas, mas que, apresentando-se sob forma de marido, ofereciam as mesmas garantias de felicidade para a esposa, segundo a opinião das amigas.

De Martini, alto, esguio, louro, um pouco calvo, muito distinto, pacato, educadíssimo, provavelmente agradaria à Marta. Valdranchi, baixo, vivaz, acostumado a duvidosas companhias, mas com o fulgor da inteligência nos olhos, irrequieto, simpático, devia também agradar à Marta. E não havia nenhuma razão para que Anselmo Bianchi não lhe pudesse agradar. Embora não estivesse mais na flor da idade, era ainda saudável e possuía uma mansão quase principesca dotada de uma imensa estufa, onde Marta poderia satisfazer a sua paixão pelas flores. Esse último aspecto despertou muito interesse no círculo das amigas.

Enquanto discutiam-se as probabilidades de tais casamentos, quando De Martini já tinha sido convidado para um almoço e já se tinha falado para o senhor Valdranchi da incomensurável ventura de ter uma boa esposa; quando Marta estava deixando-se convencer de que os tipos descontraídos do gênero de Valdranchi, com o tempo, tornam-se os melhores maridos, apareceu Alberto Oriani. — Olha só, observou uma prima — que linda combinação: Oriani! E Marta é Oldofredi; nem ia precisar mudar as iniciais. Após-essa feliz descoberta, começaram as negociações.

Alberto Oriani não era totalmente desconhecido da família Oldofredi; a mãe de Marta o conhecera dez anos antes; e depois, na escola, uma Oriani fazia o mesmo curso que ela. Oh! Ela lembrava muito bem; uma moreninha de olhos fulminantes.

Alberto vivia no campo, cuidando de sua propriedade; sozinho, rico, homem honesto, 37 anos, cansado do celibato, com o desejo claramente expresso de se casar para acabar com aquela vida de solteiro. A mãe, os familiares, as amigas de Marta olharam-se e gritaram — É ele!

A seguir, depois de conhecê-lo, Marta também achou que fosse. Depois de ter passado uma noite no teatro, tendo ao seu lado um jovem moreno, amável, com uma flor de baunilha na lapela, com um cheiro delicioso; depois de concordarem sobre a qualidade do espetáculo e sobre o figurino da atriz principal, criando assim uma espécie de simpatia mútua, de acordo moral, Marta aceitou revê-lo, dois dias depois, na saída da missa, e duas outras vezes, quando ele foi recebido em sua casa, como amigo.

Quando chegou o momento de decidir, todos fizeram-lhe notar, e ela mesma notou, apesar do pouco de experiência que tinha, a sorte singular que ela tinha se comparada à média geral das moças. Muitas casam-se tarde, desencantadas e já sem viço; outras jamais se casam; algumas devem satisfazer-se com um velho; outras, com um viúvo; outras ainda, com um de pouca inteligência, com um falido ou com um gago, ou um meio tísico, porque — como dizem as pessoas de bom senso — não se pode ter tudo.

Alberto tinha tudo ou quase. Marta tinha que admiti-lo. E ela alegrou-se consigo mesma pela boa sorte, aceitando com entusiasmo, entusiasmo que não era exatamente por Alberto, mas pelo futuro que Alberto lhe daria. Ela também sabia que assim, de imediato, eles não se amariam, o presente sendo apenas uma preparação. Somente o amanhã iria abrir-lhe as portas misteriosas do amor.

A esse bem futuro Marta estendia avidamente o coração e os braços, em meio aos preparativos febris para as núpcias; indiferente à alegria dos presentes, tocando com mãos distraídas os bordados e as rendas do enxoval, sorrindo suavemente aos cumprimentos, não desfrutando, não agarrando aqueles fragmentos, aquelas migalhas de felicidade que a rodeavam, mantendo os olhos fixos na sua meta. Nem a impressionavam muito as gentilezas de Alberto, nem o beijo que, diante da mãe, ele imprimia em sua mão e, nos últimos dias, no seu rosto. Depois — pensava — quando nos amarmos de verdade, quando seremos a sós!

Marta tivera a primeira preocupação de amor aos quinze anos; não passara de um frêmito, um longo apertar de mãos, um olhar que a fizera estremecer e, a seguir, muitas noites de insônia, muitas horas de tristeza, muitas lágrimas derramadas em segredo. Não houve nenhuma ebriedade amorosa, apenas a intuição de todas as ebriedades. E assim terminara.

Mais tarde, em sociedade, chegara a eleger certos olhos, para prender o próprio olhar, a preferir dançar com um determinado jovem mais do que com outro. Contudo, não podendo permitir esses lampejos de amor, nem solicitá-los e nem sucumbir-lhes, passaram-se oito anos aparentemente vazios e frios.

Quaisquer que tivessem sido os sonhos, os desejos, as esperanças, a espera

destes oito anos, agora, tudo devia chegar a uma término. Na plenitude de seu desenvolvimento como mulher, a alma, os sentidos, o pensamento reclamavam a sua parte à Marta, que, sôfrega, repetia: Depois! Depois!

O altar, o casamento civil, a mãe chorando, a saída da casa paterna, ela via tudo isso envolto em uma nuvem, uma das tantas nuvens que, aparecendo, desmanchando-se, reunindo-se novamente, sob formas e aspectos diferentes, impediam que ela apreendesse a verdade, aquele único ponto essencial onde ela fixava os olhos, mas que ela nunca conseguia alcançar. Nunca estivera a sós com Alberto. Quando estavam juntos, falavam de uma quantidade de assuntos já prontos: o decorador, a costureira, o ourives, os convites, o horário da viagem.

Alberto corria para lá e para cá, atarefado, com uma pilha de papéis para verificar, assinar; sempre sereno e contente.

— É um anjo de bondade! Exclamava a mãe. Marta o olhava intensamente, bem no fundo dos olhos, de modo que ele dizia rindo: Hei! Quer me enfeitiçar?!

— Terminará essa confusão, pensava Marta; ele será meu, todo meu; ainda dois dias, um dia, uma hora...

Marta vestia-se lentamente, em pé no espaço apertado entre as duas camas; amarrando, melancolicamente, a fitinha rosa da sua bela camisola de noiva, parando para olhar a folhagem formada pelo bordado que se destacava em relevo sobre um fundo de pequenas estrelas.

Uma de suas preocupações antes de se casar tinha sido mostrar os seus braços a Alberto, estes bracinhos delgados de menina que cresceu rápido demais. Que sorte, pensou, que ele nem mesmo os viu!

Apertou o corpete, novinho em folha, bordado com fio de seda branca; amarrou nos quadris um amor de saíinha cheia de babados bordados por cima de um forro de flanela cor de rosa, uma saia perigosa, segundo sua mãe. Por quê? Vestiu as meias, as botinhas, o vestido. Estava pronta.

Voltou a olhar para Alberto e, novamente, foi invadida pela comoção; uma estranha comoção feita de desejo e de pesar, de ternura excessiva e de um calafrio de medo.

— Oh! Alberto — murmurou com as mãos juntas — e se eu me enganei, se não puder te compreender...

A seriedade de sua educação e de seu temperamento surgia rigorosa, trazendo à tona o fantasma do dever. Os embaraços da imaginação deviam desaparecer diante da tarefa austera da vida; de agora em diante, ela estava assumindo uma missão sagrada, tinha nas mãos a felicidade e a honra daquele homem, devia-lhe todo o afeto, toda a obediência, todos os sacrifícios. Estava casada; pertencia-lhe.

Como queria poder fazer algo grandioso, heróico, para mostrar a força de seu amor! Estava disposta a fugir do mundo, sepultar-se viva em um deserto,

renunciar a tudo, se fosse com o amor de Alberto, daquele belo jovem que ela queria amar, desesperadamente, a quem ela pedia, ainda com uma assustadora apreensão, uma sentença quanto à sua felicidade.

Muda ao lado da cama, ela fantasiava, imaginando arrebatamentos desconhecidos, êxtases distantes, indefinidas, temendo de acordar Alberto, mas observando-o furtivamente. Ele tinha feições harmônicas, o perfil nobre e puro, uma covinha no queixo, a barba macia e espessa, à nazarena. Os cabelos vaporosos, com a pressão do travesseiro, adquiriam centenas de formas, desenhando cachos de criança, circundando caprichosamente a orelha que tinha uma delicadeza feminina.

Mas e ele, em que estaria pensando? Quais visões lhe atravessavam o sono? Dormira sempre assim, de lado, com um braço sob a cabeça e o outro estendido? Tão rosado, tão calmo? O que encerrava a esfinge daquele belo rosto e quando ela poderia, penetrando-lhe na alma, chamá-lo verdadeiramente seu?

Como ela gostaria de esquarterar a sua mente e o seu coração diante dele, para mostrar que ele estava dentro dela, por uma irresistível necessidade de fusão, que a aproximação material tinha instigado sem satisfazê-la. Não, não poderia ser sempre assim, somente assim! Marta sentia como se ela tivesse ainda os olhos vendados, as mãos atadas; continuava andando às cegas, ainda não possuía o amor, não tinha ainda alcançado a verdade.

Um movimento de Alberto a sacudiu, e, com um senso natural de pudor, ela não quis que ele a visse observando-o. Andou em direção à janela pela qual penetrava o alegre sol de março, ergueu as cortinas que cobriam as vidraças e deu uma olhada para a rua, a desconhecida rua daquela cidade. Era uma viela que desembocava diretamente no porto, àquela hora, cheio de carretas, carregadores, vendedores de peixe, todos vociferando em um dialeto que Marta não entendia. Deu uma olhada para as janelas defronte, baixas, desprovidas de venezianas, todas munidas de varais, sobre os quais as roupas esvoaçavam, secando.

Esse aspecto da cidade, tão diferente da sua cidade de origem, despertou seu interesse sem lhe agradar. Ela levantou os olhos e, por meio de uma sucessão, cinza e melancólica, de telhados de ardósia, ao longe, no esplendor da manhã, vislumbrou a linha azul do mar, grandioso e fantástico na sua calma, com algo de sonhado, de imaterial, de eterno.

Números e sonhos¹

Bruno Sperani

Tradução: Ânia Dóris Reis Bourscheid Del Pino²

(...) A modelo, doente, desejava vê-lo.

Por um momento ele vacilou, mas a imagem da bela jovem, que o estava esperando, brilhou de repente como uma nova luz na fantasia do pintor e venceu toda hesitação.

Marietta morava numa casa pobre na rua Porta Garibaldi, com a mãe e um irmão, o rapaz que tinha levado o recado para Superti.

A mãe era uma daquelas mulheres envelhecidas antes da hora, tão frequentes nas classes pobres. Podia ter qualquer idade entre quarenta e sessenta anos.

Viúva há muito tempo — talvez nunca tivesse sido casada — ela ganhava a vida trabalhando como *lavandaia di colore*³, como as chamam em Milão. Deixava Marietta completamente livre, feliz por ela trazer um pouco de dinheiro para casa, mas não a explorava.

Os dois pequenos cômodos que compunham a habitação pareciam relativamente decorosos. O primeiro era uma grande cozinha, ao fundo da qual, atrás de um biombo, se avistavam duas camas: a da mãe e a da criança. O quarto era todo de Marietta.

Adriano foi levado até lá e deixado a sós com ela, que estava na cama. Ela recebeu o jovem com um daqueles seus sorrisos alegres, estendendo-lhe a mão

1 SPERANI, Bruno. *Numeri e Sogni*, Milano: Galli, 1887. O trecho foi extraído de MORANDINI, Giuliana. Op.cit. p. 147-155.

2 Graduanda em Letras – Licenciatura Português-Italiano, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

3 N.d.T: *Lavandaia di colore* – Lavadeira de cor: num regionalismo milanês, seria uma lavadeira pouco hábil, a quem não se confiava os tecidos brancos para lavar, com medo de que ela os estragasse.